

DIÁRIOS CARIOCAS E A DISPUTA ENTRE A GUINLE&CIA E A THE RIO DE JANEIRO TRAMWAY LIGHT AND POWER, CO. LTD. PELO MERCADO DE ELETRICIDADE DO DISTRITO FEDERAL, EM 1906

Cláudia Regina Salgado de Oliveira Hansen, UFF e bolsista CAPES, claudia.hansen@uol.com.br

Resumo:

Neste trabalho analisamos o papel desempenhado por alguns periódicos cariocas na disputa que envolveu a Guinle&Cia e a *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co.Ltd.*, na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal do Brasil, no ano de 1906. Momento em que houve um grande debate sobre o preço de venda do quilowatt-hora para iluminação pública e particular na cidade.

Pretendemos, com esta análise, destacar o papel que alguns diários cariocas desempenharam na referida disputa, e compreender as implicações políticas que as matérias veiculadas por tais periódicos tiveram nesse processo, considerando as ligações existentes entre o político e o econômico.

Para isso nos apoiamos essencialmente em quatro periódicos de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1906. Estas fontes históricas constituem-se, não só como fontes de informação, mas também como agente histórico, deixando evidente que a imprensa foi um dos meios através dos quais os diretores, tanto da Guinle&Cia, quanto da *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co.Ltd.*, se valeram para disputar o mercado carioca de eletricidade. E conseguimos comprovar que a participação dos jornais O Paiz, Jornal do Commercio e Correio da Manhã foi muito significativa na disputa.

Portanto, os investidores da Guinle&Cia, que chamamos “Grupo Guinle” e também os da *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co.Ltd.*, para colocarem em prática seus projetos ligados ao setor de eletricidade e contribuir, como ocorreu, para o desenvolvimento dos serviços públicos de eletricidade no Brasil, tiveram que se articular e se organizar para além dos muros da empresa.

Palavras-Chave: eletricidade – Guinle& Cia e *The Rio Light* – diários cariocas

Abstract:

In the present paper we analyse the performance of Rio de Janeiro’s newspaper city in a dispute between Guinle&Cia and *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co. Ltd.*, in the Rio de Janeiro city, Brazil’s Federal District, in the first half of the twentieth century (1906). In this moment a big debate about of sale cost of kilowatt-hour for public and private illumination of city.

Through this analysis, we pretend to show the newspaper’s performance in the dispute and appreciate the politics results by considering the links between economic and political.

To make these analyses possible, we use four different newspapers of Rio de Janeiro city, in the year 1906. This work with documentation showed participation of press in the dispute. And specially concerning of different newspaper's participation O Paiz, Jornal do Commercio and Correio da Manhã was really significant.

Hence, we assume that this group of traders, which we have called "Guinle Group" here and group of Canadian traders of *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co. Ltd.*, to put their projects related to electricity sector into practice and contribute, as occurred, for the development of electric utility in Brazil, had to articulate and organize beyond the walls of the firm.

Keywords: electriciy – Guinle&Cia e *The Rio Light* – newspapers

Os investimentos em novos setores urbanos do Distrito Federal, como o da eletricidade, na passagem do século XIX para o XX, foram abordados em algumas pesquisas¹, e em duas delas, "No Rio, conflito entre capitalistas", de Cezar Honorato (HONORATO, 1990) e "A energia elétrica e o parque industrial carioca (1880-1920), de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão (LAMARÃO, 1997), há referências acerca de possíveis relações estabelecidas entre os principais jornais diários do Rio de Janeiro e a disputa pelo mercado de eletricidade do Distrito Federal entre as empresas Guinle&Cia e a The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Company.

Pretendemos, neste artigo, a partir dos enlaces sugeridos por Cezar Honorato (HONORATO, 1990) e Lamarão (LAMARÃO,1997)², analisar essas relações, no ano de 1906, pois neste ano, houve, no Clube de Engenharia, um grande debate sobre o preço de venda do kwh para iluminação pública e particular no Rio de Janeiro, assunto amplamente debatido em alguns dos principais jornais diários do Rio de Janeiro, e que correspondeu, a nosso ver, a um dos momentos significativos da disputa travada entre a Guinle&Cia e a *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power* pelo mercado de eletricidade do Distrito Federal³.

Dividimos nosso trabalho em duas partes mais as considerações finais. Na primeira parte fizemos algumas considerações gerais sobre o mercado de eletricidade do Distrito Federal. Na fizemos pequenas considerações sobre o debate acerca do preço de venda do kwh no Distrito Federal, ocorrido no Clube de Engenharia, e analisamos as relações estabelecidas entre alguns

¹ Cf. (HONORATO, 1990). (LAMARÃO, 1997); (WEID, 2008) e (SAES, 2010).

² Salientamos que os autores citados não fizeram uma pesquisa específica sobre o tema.

³ Adota-se aqui a noção de imprensa como atividade e não apenas como corpo estabelecido de textos. Os jornais diários do Rio de Janeiro são concebidos como partidos políticos, como um dos elementos construtores de hegemonia. Sobre o conceito de hegemonia cf. (GRAMSCI, 1968).

Na segunda parte diários do Rio de Janeiro e a disputa Guinle&Cia versus *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power*, no ano de 1906.

1. O mercado de eletricidade do Distrito Federal no início do século XX

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro era não só o principal centro político e administrativo,⁴ como também o principal centro industrial e comercial do Brasil. Tal posição, de maior e mais promissora cidade industrial brasileira, e que vai se manter até o final da Primeira Guerra Mundial, estava relacionada tanto com o fato de ser a cidade mais populosa, com uma população de 1.157.873 habitantes em 1920⁵ (o que significava num grande mercado consumidor), quanto ao intenso comércio de importação e exportação em virtude de inúmeros empreendimentos urbanos como porto, ferrovias, bancos, e etc., que girava em torno da cidade. Nesse contexto, a cidade tornou-se palco de crescentes disputas entre empresas nacionais e estrangeiras pelo controle de certos mercados, como foi o caso da eletricidade.

1.1 *Société Anonyme du Gaz e William Reid* e o mercado de eletricidade do Distrito Federal

Foi no decorrer da década de 1880 e 1890, em meio a uma imensa e intrincada gama de serviços de transportes urbanos⁶, serviços bancários, produção industrial, tal como já afirmamos, que se iniciaram as experiências para a utilização da energia elétrica no Distrito Federal.⁷

⁴ Em virtude da Constituição de 1891, a cidade do Rio de Janeiro se transformou no Distrito Federal, capital da República Federativa do Brasil até 1960, quando foi substituído por Brasília.

⁵ Sobre a economia do Rio de Janeiro e do Distrito Federal Cf. (LEVI, 1994); (LEOPOLDI, 1986); (LEVY, 1977); (LOBO, 1978).

⁶ Sobre as concessões outorgadas pelo Estado, construções de linhas de bondes, serviços de gôndolas, serviços de ônibus, propagação do transporte urbano. Cf. (BENCHIMOL, 1992); (SILVA, 1992); (DUNLOP, 1972).

⁷ Acharmos importante salientar algumas das tentativas feitas no início do século 19 e que já eram resultado da criação de leis que previam a contratação de serviços de iluminação pública. Em 1828 Antônio da Costa tentou implementar o sistema a gás; em 1833, Joaquim José Tavares efetivou a iluminação por meio de lâmpadas de azeite; em 1854, Mauá inaugurou a primeira empresa brasileira de iluminação por meio do gás, o que fez da cidade do Rio de Janeiro a primeira cidade brasileira a receber esse tipo de iluminação. (DUNLOP, 1972, p. 46-47). Cf. também (HONORATO, 1990).

O serviço de iluminação, por exemplo, era explorado pela *Société Anonyme du Gás du Rio de Janeiro (SAG)*, empresa belga formada pelo cidadão francês *Henri Brianthe*, que assinou contrato direto como governo imperial aprovado pelo Decreto n. 3278, de 26 de junho de 1885, que se referia à iluminação por gás canalizado, passando, com a proclamação da República, à órbita da administração federal,⁸ sendo regulado pelo Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, criado em 1891. Esse contrato foi revisado⁹ em 1899, e com essa revisão a SAG ganhou o privilégio para iluminação da cidade por gás corrente ou eletricidade, além de distinguir a iluminação pública da iluminação particular. E ainda, o privilégio da iluminação pública terminaria em 1945, e o da particular terminaria em 1915 (MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 1990, p.158). Portanto, o governo federal, mesmo após a Proclamação da República, permaneceu como poder concedente e fiscalizador do serviço de iluminação da cidade do Rio de Janeiro.

Além desse serviço cabe mencionar a chamada Concessão Reid instituída em 1899, através da promulgação do Decreto Municipal n. 734, de 4 de dezembro de 1899, durante a administração do prefeito Cesário Alvim, e que correspondeu a primeira concessão municipal referente ao fornecimento de energia elétrica produzida por força hidráulica ao Distrito Federal. O prefeito Cesário Alvim firmou contrato com *Willian Reid Cia*, em 07 de junho de 1900, concedendo à empresa o direito exclusivo de fornecer eletricidade gerada por força hidráulica ao Distrito Federal, com aplicação em todos os fins, exceto o de iluminação, durante um prazo de 15 anos (MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 1990, p.158-159).¹⁰ Portanto, com relação ao fornecimento de eletricidade, a municipalidade é que atuou com plenos poderes.

Essas eram as concessões existentes no setor de eletricidade do Distrito Federal no início do século XX¹¹, mas, apesar delas, a questão da iluminação pública e particular e da geração e

⁸ A Lei Orgânica do Distrito Federal, de 1892, determinou a transferência do serviço de iluminação para a esfera municipal, mas isso não ocorreu porque, entre outras razões, a *Société Anonyme du Gaz* recusou-se a aceitar a sub-rogação da municipalidade nas obrigações que cabiam à União (MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 1991, p.157).

⁹ Esta constituiu a segunda revisão desse contrato, pois em 1892 ele sofreu sua primeira revisão. Sobre todas as revisões e modificações sofridas pelo contrato da SAG com o governo imperial, em 1886. Cf. (MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 1990, p.158).

¹⁰ O contrato dava ao concessionário privilégio exclusivo por 15 anos, e licença sem exclusividade por mais 15. A energia produzida seria aplicada como força motriz para fins industriais, salvo direito de terceiros, inclusive no que se refere à iluminação. O concessionário tinha 18 meses para iniciar a distribuição de energia elétrica depois da aprovação dos planos, e ao fim do prazo da concessão, os bens dos concessionários revertiam à municipalidade (WEID, 2008, p.49).

¹¹ A consolidação do regime republicano definiu como um dos seus preceitos o federalismo, e essa descentralização político-administrativa legou às municipalidades plenas condições de dirigir as concessões sobre os serviços da cidade, mas não havia, no período em tela, uma legislação específica para o setor, em nenhuma das esferas do poder

distribuição de energia, fosse gerada por termelétricas ou por hidrelétricas, não fora resolvida, pois tanto os empreendimentos da SAG quanto os de Reid¹², na virada do século XIX, não obtiveram sucesso. Ou seja, a cidade do Rio de Janeiro, àquela que iria se constituir no símbolo do progresso e civilização da Belle Époque no Brasil,¹³ e o principal mercado consumidor para esse serviço, não conseguira resolver uma questão considerada crucial para o seu crescimento econômico.¹⁴

1.2. A Guinle&Cia e a *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Company, Co. Ltd.* e o mercado de eletricidade carioca no início do século XX

No início do século XX, o mercado de eletricidade do Rio de Janeiro, dividido entre a *Société Anonyme du Gaz* e *William Reid*¹⁵, começou a ser cobiçado pelos negociantes brasileiros Cândido Gaffrée e Eduardo Palassin Guinle, através da Guinle&Cia, e por alguns dos investidores estrangeiros da *São Paulo Light*¹⁶, entre eles, *Frederick Pearson* e *Alexander Mackenzie*, através da *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co. Ltd.*

Desde os fins do século XIX, quando as primeiras aplicações de energia elétrica ocorriam na Europa, nos Estados Unidos e também no Brasil, Cândido Gaffrée e Eduardo P. Guinle mostraram interesse por esse negócio. O primeiro investimento dos sócios ocorreu em 1899, quando adquiriram a queda do rio Paquequer, um dos afluentes da margem direita do rio Paraíba

público brasileiro. Quanto às primeiras legislações do setor nas esferas estadual e federal Cf. (MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 1990).

¹² Reid não conseguiu concluir o projeto dentro dos prazos do contrato, e fora obtendo prorrogação dos mesmos. (WEID, 2008, p.49).

¹³ SOUZA, Amara Silva de Souza. A sedução da luz: eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque. www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op

¹⁴ Nesse momento, no Brasil, não havia a institucionalização de uma política para o setor elétrico no Brasil e com a Constituição de 1891, os governos estaduais e municipais ganharam autonomia, restringindo a ação do governo federal. Sobre a atuação do governo federal como poder concedente em matéria de aproveitamentos hidrelétricos no período. Cf. (MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 1990).

¹⁵ Em janeiro de 1904, Reid transferiu seu contrato ao Banco Nacional Brasileiro, que tinha entre seus principais acionistas Rocha Miranda. O banco organizou a Companhia Nacional de Eletricidade para desenvolver o projeto de produção de energia hidrelétrica e em junho daquele ano o contrato foi transferido para a nova companhia. (WEID, 2008, p. 50).

¹⁶ Em abril de 1899, foi constituída em Toronto, Canadá a *São Paulo Tramway Light and Power, Co. Ltd.* e em julho do mesmo ano conseguiu autorização para o funcionamento no Brasil, e, em pouco tempo, monopolizou o transporte coletivo e a produção/distribuição de eletricidade para a capital paulista. (LAMARÃO, 1997, p.207).

do Sul, e que atravessa a cidade de Teresópolis-RJ; em 1901, obtiveram autorização para instalar uma usina no rio Itatinga, localizado na Serra do Mar em São Paulo, e que forneceu energia elétrica para o porto de Santos, do qual eram os concessionários (LOBO, 1936, p.141); e em 1903, fizeram uma sondagem entre os industriais cariocas, consultando-os se aceitariam substituir o vapor pela energia elétrica em suas fábricas (BARROS, 1982, p.25). Mas a efetivação dos interesses de Gaffrée e Palassin no setor de eletricidade deu-se quando Eduardo Guinle Filho, filho de Palassin Guinle,¹⁷ fundou com o engenheiro Adolfo Aschoff¹⁸, em maio de 1903, a Aschoff&Guinle, uma sociedade em nome coletivo de importação, exportação, consignação, e mais matérias de comércio, inclusive a importação de equipamentos de produção e distribuição de energia elétrica fabricados pela *General Electric Co*,¹⁹ e que, no ano de 1904, foi incorporada pela Guinle&Cia.²⁰

No mesmo período, *Frederick Pearson*, engenheiro especialista em redes elétricas e *Alexander Mackenzie*, advogado, ambos ligados à *São Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd.* interessaram-se em investir no Distrito Federal. Em 1899, começaram a se informar sobre as condições dos serviços públicos de energia elétrica, iluminação e transporte na capital; em 1902, Mackenzie sugeriu a formação de uma companhia no exterior para explorar o mercado de eletricidade do Rio; em 1903, o mesmo *Mackenzie* elaborou um relatório detalhado a *Pearson* sobre a Concessão Reid e sobre a situação das companhias concessionárias de ferro-carris e da *Société Anonyme du Gaz*. Enfim, estudavam as condições de explorar o mercado carioca de eletricidade e também a possibilidade de fundação de uma empresa para o mesmo fim, o que vai

¹⁷ Eduardo Guinle, filho mais velho de Eduardo P. Guinle, depois de formar-se engenheiro civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1896, foi estudar nos Estados Unidos numa escola da *General Electric Co*. Tal escola, montada em Schenectady, uma pequena cidade do Estado de Nova York, era uma escola de eletrotécnica e um centro de pesquisas. Seu professor fora o engenheiro alemão *Charles Proteus Steinmetz*, uma das maiores autoridades em geradores e motores elétricos. (GUINLE, s/d., p.115-116).

¹⁸ Aschoff havia participado junto com James Mitchell, engenheiro americano, de uma das primeiras empreitadas com energia elétrica no Brasil, em 1892, em serviço para a Cia. Ferro-Carril Jardim Botânico, na Capital da República. No ano seguinte *Mitchell* e *Aschoff* fundaram a *Mitchell&Aschoff*, sendo representantes da *General Electric* no Brasil. Na passagem para o século XX, *Mitchell* se desfez da sociedade e juntou-se ao grupo *Light* que chegava ao Brasil, enquanto *Aschoff* manteve a representação da GE no Brasil. (HONORATO, 1996, s/p).

¹⁹ Portanto, era uma sociedade que se constituía de dois sócios solidários e cujo uso da sociedade competia aos dois. Foi Eduardo P. Guinle que representou Eduardo Guinle, seu filho, no momento da fundação da *Aschoff&Guinle*, pois este residia nos Estados Unidos. O capital da sociedade era de quatrocentos contos de reis, realizados no ato da fundação da firma, em moeda corrente, sendo 100 réis por *Aschoff* e 300 réis por Eduardo Guinle. (HANSEN, 2006, p. 65-66).

²⁰ Em março de 1904, após a morte de Adolfo Aschoff, a *Aschoff&Guinle* foi absorvida pela *Guinle&Cia* que continuava a ter o mesmo objeto da *Aschoff&Guinle*. Os sócios solidários eram Eduardo e Guilherme Guinle e comanditário, Carlos Guinle, todos filhos de Eduardo Palassin Guinle. (HANSEN, 2006, p.67).

se concretizar com a fundação da *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co. Ltd.* (*The Rio Light*), em 1904.²¹

Portanto, as duas empresas, a nacional Guinle&Cia e a canadense *The Rio Light* foram pensadas, desde fins do século XIX, para explorar o mercado de eletricidade da Capital Federal. Inclusive, no ano de fundação das duas – 1904 -, Gaffrée/Guinle e *Pearson/Mackenzie*, e outros envolvidos com as ditas empresas, tentaram negociar a exploração do referido mercado.²² Esse acordo, no entanto, não se consolidou e marcou o início de uma grande luta no espaço de concorrência dentro do setor de energia elétrica do Distrito Federal, entre a Guinle&Cia e *The Rio Light*.²³

2. A luta da Guinle&Cia pelo mercado carioca de eletricidade: a discussão sobre o preço do kwh nos diários cariocas

A luta no espaço de concorrência dentro do setor de energia elétrica do Distrito Federal, entre a Guinle&Cia e a *The Rio Light*., iniciada em 1904, antes mesmo da *The Rio Light* conseguir licença pra funcionar no Brasil, teve um momento significativo em 1906, quando da revisão de tarifas fixadas com a *Société Anonyme du Gaz*.²⁴

Tal como já afirmamos, desde 1899, a *Société Anonyme du Gaz* detinha o privilégio da exploração do serviço de iluminação elétrica da capital da República. Segundo o contrato celebrado com o governo federal em 14 de setembro de 1899, a energia elétrica para iluminação da cidade deveria ser produzida por aparelhos acionados a gás ou a vapor, prevendo-se a

²¹ Em maio de 1904, Pearson registrou uma primeira companhia nos Estados Unidos: *a Rio de Janeiro Light and Power Co. Ltd.* . Em junho de 1904, foi incorporada no Canadá a *Rio de Janeiro Light and Power Co. Ltd.* constituída por sete sócios formais. Sobre a chegada da Light no Rio e também sobre a fundação da *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Ltd.* cf. (WEID, 2008,p. 25-47).

²² Sobre a existência de interesses de ambos os lados em uma negociação acerca da exploração do mercado de eletricidade do Distrito Federal. Cf. (McDOWALL, 2008, p.175-176); (WEID, 2008, p.29); (GAULD, 2006:118);(ARMSTRONG&NELLES, 1988:64) e (HANSEN, 2010).

²³ Sobre aspectos desse conflito cf. (SAES, 2010); (LAMARÃO, 1997); (WEID, 2008); (HONORATO, 1990) e (HANSEN, 2010).

²⁴ A *The Rio Light* foi definitivamente incorporada em junho de 1904, pediu licença para funcionar no Brasil em dezembro do mesmo ano e só conseguiu a licença em maio de 1905. (HONORATO, 1990).

substituição dos mesmos por motores hidráulicos desde que a empresa reduzisse as tarifas²⁵. A substituição dos aparelhos acionados a gás ou a vapor por motores hidráulicos, assim como a revisão do contrato assinado em 1899, começaram a ser pensados em 1905, logo depois que a canadense *The Rio Light* assumiu o controle da *Société Anonyme du Gaz*.²⁶

Diante disso, em dezembro de 1905, Paulo de Frontin, presidente do Clube de Engenharia, solicitou ao professor Henrique Morize um estudo sobre o preço de venda do quilowatt-hora para iluminação pública e particular no Rio de Janeiro, para que a instituição²⁷ discutisse sobre a revisão de tarifas fixadas com a *Société Anonyme du Gaz*. Discussão essa que interessava à *The Rio Light*, mas também à *Guinle&Cia*.²⁸

Em 05 de fevereiro de 1906, o professor Henrique Morize apresentou os resultados do seu estudo, intitulado “O preço do quilowatt-hora no Brasil e no estrangeiro” provocando discussões intensas²⁹ e marcadas pela participação de João do Rego Barros, Gabriel Osório de Almeida, Pedro Luís Soares de Sousa, José Américo dos Santos, Francisco Bhering, Jorge Street e pelo próprio Morize.³⁰

O professor Morize, a partir de uma análise acerca dos preços oferecidos nos Estados Unidos e na Europa, diferenciando a energia empregada para fins de iluminação e de força, e apoiando-se em indicações de *James Mitchell*, superintendente da *São Paulo Light*, chegou ao

²⁵ As tarifas foram fixadas em 850 réis por Kwh para particulares e 800 réis kwh para os particulares e 800 réis por kwh para o governo e ainda, o contrato previa o pagamento da tarifa metade em papel e metade em ouro (MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 2001,p.83).

²⁶ Em janeiro de 1905, através de *Mackenzie*, a *The Rio Light* adquiriu a Concessão Reid e, no mesmo ano, absorveu todo o capital da *Société Anonyme du Gaz*. (LAMARÃO, 2002, p. 83)

²⁷ O Clube de Engenharia foi fundado na cidade do Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1880, na Rua da Alfândega, nº6, em uma reunião que contou com a presença de cinquenta pessoas, entre elas engenheiros e industriais, todos reunidos a convite de Conrado Jacob de Niemeyer. Esta instituição ocupou uma posição de destaque na sociedade Brasileira de fins do século XIX e início do XX, seja como um espaço de fortalecimento da engenharia civil; como espaço de formulação de idéias ligadas não só a engenharia civil, mas também a possibilidade de crescimento da economia nacional; como espaço de interseção entre o conhecimento técnico e a ocupação de cargos nas administrações municipais, estaduais e também federais. E também como espaço de formulação de uma determinada visão de mundo. Sobre a importância do Clube de Engenharia no período cf. (TURAZZI, 1989); (CME, 2001); (HONORATO, 1996); (CURY, 200); (MARINHO, 2008).

²⁸ As discussões no Clube de Engenharia corresponderam a um momento da disputa entre as duas empresas pelo mercado de eletricidade do Rio de Janeiro, pois esta instituição era considerada, naquele período, um espaço do saber técnico, e seus pareceres eram, quase sempre, colocados em prática pelos administradores públicos. Portanto, o debate sobre o preço de venda do quilowatt-hora no Clube de Engenharia foi um momento importante da luta travada entre a *Guinle&Cia* e *The Rio Light* pelo mercado carioca de eletricidade. (HANSEN, 2009).

²⁹ O debate acerca do estudo do professor Morize ocorreu de 12 de fevereiro a 10 de março de 1906.

³⁰ Alguns desses conselheiros tinham ligações diretas com a *Guinle&Cia* e *The Rio Light*. José do Rego Barros era alto funcionário da *Société Anonyme du Gaz*; Gabriel Osório de Almeida era um dos diretores da *Docas de Santos*, empresa de *Gaffrée&Guinle* que explorava os serviços portuários em Santos; Jorge Street era sócio dos *Guinle* em vários negócios.

valor do preço de iluminação em 412,5 réis. Rego Barros, alto funcionário da *Société Anonyme du Gaz*, questionou o trabalho de Morize, defendendo que o preço teria que ser bem maior que o sugerido pelo estudo de Morize, e Gabriel Osório de Almeida, assim como Jorge Street, sócios de Gaffrée&Guinle, defenderam que o preço deveria ser bem menor que o apresentado pelo estudo.

O Conselho Diretor do Clube de Engenharia não imprimiu uma solução definitiva ao caso, tal como podemos atestar ao ler na íntegra a moção aprovada em 10 de março de 1906, quando findou o debate:

O Conselho Diretor felicita o seu ilustre colega Dr. Henrique Morize pelo importante trabalho apresentado sobre o preço do quilowatt-hora no Brasil e no estrangeiro. Congratula-se igualmente com os distintos consórcios que tomaram parte no debate, pelos valiosos subsídios que trouxeram para a solução do momentoso assunto de que se ocupou o Clube de Engenharia. O Conselho Diretor, finalmente, tendo em vista que a redução nos preços estabelecidos no contrato entre o governo federal e a *Société Anonyme du Gaz* para iluminação pública e particular, a fim de ser autorizada a utilização da energia hidráulica, depende de acordo entre as duas partes contratantes, deixa de fixar o máximo numérico para aqueles preços, certo de que o governo federal, resguardando os direitos adquiridos, saberá defender os legítimos interesses da população do Rio de Janeiro (MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 2001, p.92-93).

Esse debate ocorrido no Clube de Engenharia, mais político do que técnico, se deu para além da instituição, não só porque foi noticiado nos jornais cariocas, mas também porque parte dos diários cariocas³¹, paralelamente à discussão travada no Conselho Diretor do Clube de Engenharia, se posicionou diante da luta que se dava entre a Guinle&Cia e a *The Rio Light*, através da definição do preço do quilowatt-hora na cidade do Rio de Janeiro.

O editorial do diário *Gazeta de Notícias*³² passou a veicular matérias sobre a discussão que ocorria no Clube de Engenharia a partir do dia 16 de fevereiro, não assumindo, no entanto, qualquer posição. E ainda, do total de matérias veiculadas sobre o assunto, num total de 9, 8 delas correspondiam à transcrição de discursos dos membros do Clube de Engenharia, 2 do senhor Rego Barros, 1 do senhor José Américo, 3 do professor Morize, 1 do senhor Francisco Bhering e

³¹ Marialva Barbosa afirmou que os cinco maiores periódicos cariocas do início do século XX eram: o *Jornal do Brasil*, o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Notícias*, *O Paiz* e o *Correio da Manhã*. (BARBOSA, 1996, p.16).

³² *Jornal barato* que se proclamava independente e que dava grande destaque à literatura. (BARBOSA, 1996, p. 61-65).

1 do senhor Jorge Street.³³ Concluimos que esse diário apenas participou da discussão acerca da revisão das tarifas da SAG como órgão informativo, não assumindo uma posição clara na contenda.

Diferentemente do editorial da Gazeta de Notícias, o de O Paiz, desde o primeiro momento, participou das discussões e se posicionou. Um dia depois do início das discussões no Clube de Engenharia, em 13 de fevereiro de 1906, o editorial apresentou o assunto ao público. A primeira matéria que aparece no diário sobre a discussão que acontecia no Clube de Engenharia não correspondeu, tal como ocorreu com a Gazeta, a uma transcrição de discursos, correspondia a uma síntese da problemática discutida, constituída pelos estudos do professor Morize e pelos discursos do senhor Rego Barros e do senhor Gabriel Osório de Almeida.³⁴

Nos dias seguintes, 13 e 16 de fevereiro foram transcritos dois discursos, o primeiro de Rego Barros e o segundo de Gabriel Osório de Almeida, ambos feitos no Clube de Engenharia em 12 de fevereiro, os dois únicos discursos apresentados no Clube de Engenharia e transcritos pelo diário.³⁵ Além disso, salientamos duas outras questões: a primeira é que neste período foram publicadas, na primeira página, três matérias sobre a discussão que ocorria no Clube de Engenharia, sendo duas delas ligadas aos discursos do Sr. Rego Barros e Sr. Morize e uma correspondendo a críticas veementes às colocações feitas por Gabriel Osório de Almeida.³⁶ Portanto, um discurso de Rego Barros, defensor dos interesses da *The Rio Light* e uma crítica a Gabriel Osório de Almeida, que defendia os interesses da Guinle&Cia.

A segunda refere-se à citação da *Light*, dos Guinle e também do diário A Notícia, quando, a nosso ver, o editorial de O Paiz deixou muito clara sua posição na contenda. Na publicação do dia 20 de fevereiro, na página 2 do diário, o professor Morize foi apresentado como responsável por um estudo sério e Gabriel Osório de Almeida como aquele que queria desmentir o estudo do professor Morize para atrapalhar os interesses da *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co. Ltd*; na publicação do dia 21 fez uma associação direta entre as matérias veiculadas pelo diário A Notícia e os interesses de Gafrée&Guinle; e na publicação do dia 22 afirmou serem as informações veiculadas pelo diário A Notícia, falsas. Portanto, o editorial de O Paiz estabeleceu uma relação direta entre os Guinle, Gabriel Osório de Almeida e A Notícia, onde Gabriel Osório

³³ Biblioteca Nacional. **Gazeta de Notícias**. Fevereiro a março de 1906. Somente uma dessas matérias, o discurso de Gabriel Osório de Almeida foi colocado na primeira página do diário.

³⁴ Biblioteca Nacional. **O Paiz**, 13/02/1906.

³⁵ Biblioteca Nacional. **O Paiz**, 14 e 16/02/1906.

³⁶ Biblioteca Nacional. **O Paiz**, 03,06 e 12/03 /1906.

de Almeida, no Clube de Engenharia, e A Notícia, na imprensa carioca, estariam defendendo diretamente os interesses de Gaffrée e Guinle para prejudicarem a *The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co. Ltd.*³⁷

O diário Correio da Manhã, assim como O Paiz, começou a noticiar logo no dia 13 de fevereiro as discussões sobre a revisão de tarifas fixadas com a *Société Anonyme du Gaz* que se iniciavam no Clube de Engenharia, mas diferentemente da Gazeta de Notícias e também de O Paiz, desde a primeira hora, deixou muito clara sua posição.

No dia 13, na página 1 do diário, em uma matéria tendo como título “Clube de Engenharia”, o editorial de O Correio da Manhã esclareceu que o professor Morize apresentava um estudo feito por ele a pedido do presidente do Clube, o Sr. Paulo de Frontin, sobre o preço da eletricidade que seria razoável adotar no Rio de Janeiro, e que os Sr. Rego Barros e Gabriel Osório de Almeida, logo na primeira discussão sobre o assunto, tomaram parte.

Entretanto, ao fazer considerações sobre o discurso feito pelo Sr. Rego Barros, que argumentava que o parecer do professor Morize estaria longe de ser remunerador, ressaltou que a posição de Rego Barros era natural e que ele estaria “puxando brasa para sua sardinha”.³⁸ Lembramos que Rego Barros era funcionário da *Société Anonyme du Gaz*. Já Gabriel Osório de Almeida, afirmava o editorial, levantou-se “para defender os interesses em questão da Casa Gaffrée&Guinle, que é ele primeiro caixeiro...”, “fê-lo porém, em tom chulo, num tom apalhaçado que, com certeza, não concorreu para levantar a discussão e iluminar o assunto”.³⁹ Logo, apontou, em seu primeiro editorial sobre o assunto, que entendia haver, dentro do Clube de Engenharia, uma disputa clara entre os interesses da *Société Anonyme du Gaz/The Rio de Janeiro Tramway Light and Power, Co. Ltd.* e a Guinle&Cia.

Ao contrário dos dois diários analisados que publicaram, em suas primeiras páginas, apenas transcrições de discursos dos membros do Conselho Diretor do Clube de Engenharia, o Correio

³⁷ Biblioteca Nacional. **O Paiz**, 20,21 e 22/02/1906. Encontramos no Arquivo Light uma carta datada de 05 de março de 1905 que mencionava O Paiz. Nesta carta, dois advogados da *The Rio Light*, Carlos de Campos e Theodoro Dias de Carvalho Jr., discutindo sobre a negação feita pelo Ministro da Viação Lauro Müller ao funcionamento da *The Rio Light*, no Brasil, afirmavam que a questão deveria ser debatida na imprensa e que “nada seria melhor que o jornal O Paiz”. Encontramos também um documento de papel timbrado do jornal O Paiz, de 31 de março de 1905, dizendo que fizeram um acordo verbal e que a *Light* forneceria para o jornal dois elevadores para seu prédio. Arquivo Light. Portanto, pode ser que o acordo entre O Paiz e *Mackenzie* ou *Mitchell* ou... tenha sido acertado no final de março de 1905.

³⁸ Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã**, 13/02/1906.

³⁹ Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã**, 13/02/1906.

da Manhã⁴⁰ publicou quatro matérias bastante esclarecedoras acerca da posição que assumiria na contenda. Uma delas em 02 de março, intitulada “A cidade inundada”, criticava abertamente os serviços da Light, pois afirmava: “as pessoas já sabem quais são as pretensões da *Light* (...), a mais gananciosa organização industrial que já se viu entre nós”.⁴¹ Em outra, publicada no dia 03 de março, deixou claro que via a discussão que ocorria no Clube de Engenharia como “pano de fundo” da disputa entre a Guinle&Cia e *The Rio Light* pelo mercado de eletricidade do Distrito Federal, pois um dos trechos da matéria afirmava que Gabriel Osório de Almeida era “caixeiro dos Srs. Gaffrée&Guinle” e, para ouvi-lo reuniram-se tanto o pessoal da Guinle&Cia, “como o pessoal da *The Rio Light* que, conforme é sabido, é o objetivo de toda essa científico-mercantil, levantada a propósito do preço do kwh, e o qual pretende defender desse negócio com unhas e dentes contra unhas e dentes alheios”.⁴² No dia 04 do mesmo mês, novamente enfatizou que o que ocorria no Clube de Engenharia era uma disputa entre a *The Rio Light* e a Guinle&Cia pelo mercado de eletricidade do Rio de Janeiro.⁴³ E ainda, no dia 11 de março, um dia após as conclusões da discussão no Clube de Engenharia, o editorial, na primeira página, afirmava que “(...) quanto ao preço da luz ficou tudo na mesma, pois os discursadores decidiram que não deviam decidir (...)”. E que Gabriel Osório de Almeida deveria estar desconcertado porque teria catado frases e acabou tendo que se contentar em “ser um bom orador elétrico(...), não conseguindo convencer o Conselho de que seria fornecedor de luz elétrica mais barata.”⁴⁴

Fica evidente, pelo teor das matérias publicadas na primeira página do Diário⁴⁵, que não via as discussões ocorridas no Conselho Diretor do Clube como uma discussão técnico-científica, mas sim como um momento de disputa do mercado de eletricidade do Distrito Federal pela *The Rio Light* e pela Guinle&Cia. E ainda, fez críticas à *The Rio Light* e também a Gabriel Osório de Almeida, representante da Guinle&Cia.

⁴⁰ Correio da Manhã de 1905 -04/03; 25/03;30/3;31/03. O Correio da Manhã era um dos mais populares do Rio de Janeiro e definia-se como uma folha política e de oposição ao governo. No entanto, segundo Marialva Barbosa, afirma que essa folha dava mais importância à informação que a opinião. (BARBOSA, 1996, p.37-38).

⁴¹ Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã**, 02/03/1906.

⁴² Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã**, 03/03/1906.

⁴³ Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã**, 04/03/1906.

⁴⁴ Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã**, 11/03/1906.

⁴⁵ Foram publicadas também outras seis matérias sobre as discussões que ocorriam no Clube de Engenharia, correspondendo a discursos dos membros do Conselho Diretor do Clube de Engenharia publicados por outros diários. Biblioteca Nacional. **Correio da Manhã**, 25,27/02 e 11, 12,13 e 14/03/1906.

O diário *Jornal do Commercio*⁴⁶ noticiou a contenda a partir do dia 23 de março, portanto, 11 dias após o início das discussões no Clube de Engenharia, e ainda todas as matérias foram publicadas na seção Publicações a Pedido⁴⁷. Do dia 23 de fevereiro ao dia 13 de março, quando não mais houve publicação sobre o tema, foram publicadas 12 matérias em 7 dias, sendo em sua maioria transcrições do diário *O Paiz*. Das 12 matérias, apenas 3 não corresponderam a transcrições de matérias publicadas pelo *O Paiz*, sendo 2 dessas três restantes, matérias assinadas por Gabriel Osório de Almeida em resposta às acusações feitas pelo diário *O Paiz*.⁴⁸

Concluimos, portanto, que o editorial do *Jornal do Commercio* não assumiu uma posição clara na contenda, pois todas as matérias sobre o tema foram publicadas nos *A Pedidos*, e assinadas. No entanto, o diário teve um papel importante nesse processo, pois foi através dele, na seção *A Pedidos*, que se deu o embate entre *O Paiz* e *A Notícia* e entre *O Paiz* e Gabriel Osório de Almeida. Nesta seção foram veiculados vários dos editoriais de *O Paiz* em que fazia graves acusações ao diário *A Notícia* e também a Gabriel Osório de Almeida.⁴⁹ Inclusive, foi no *A Pedidos* do *Jornal do Commercio* que Gabriel Osório de Almeida publicou duas matérias respondendo as acusações de *O Paiz*.⁵⁰

A partir da análise feita por nós das matérias veiculadas por alguns diários cariocas no ano de 1906, quando da revisão de tarifas fixadas com a *Société Anonyme du Gaz*, e que correspondeu a um dos aspectos da luta da Guinle&Cia versus a The Rio Light pelo mercado de eletricidade da cidade do Rio de Janeiro, pudemos qualificar um pouco mais as afirmações de Cezar Honorato e Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão que afirmaram que praticamente todos os jornais envolveram-se na contenda (HONORATO,1990);(LAMARÃO,1997, p.214).⁵¹ Lamarão, inclusive, chegou a afirmar que o *Jornal do Commercio*, *A Notícia* e a *Gazeta de Notícias*

⁴⁶ O *Jornal do Commercio* era o mais antigo jornal em circulação na cidade. Tinha uma feição política e de claro apoio a quem estava no poder, constituindo uma espécie de Diário Oficial paralelo e era o periódico mais caro do Rio de Janeiro. (BARBOSA, 1996, p.54-58).

⁴⁷ A seção de “Publicações a Pedido”, do *Jornal do Commercio*, era uma seção muito polêmica, onde se pagava pelo espaço ocupado e normalmente se acobertava o autor com a assinatura de jornalistas e outras pessoas conhecidas. (MARIALVA, 1996, p. 230).

⁴⁸ Biblioteca da Associação Comercial do Rio de Janeiro. **Jornal do Commercio**, 23/02 a 13/03/1906.

⁴⁹ Eram matérias sobre os editoriais de *A Notícia* ou sobre os discursos de Gabriel Osório de Almeida. Em geral as matérias afirmavam que *A Notícia* veiculava informações falsas sobre o preço do kwh no Rio de Janeiro; que *A Notícia* fazia campanha aberta contra a Rio Light e que estaria defendendo os interesses de Gaffrée & Guinle. Biblioteca da Associação Comercial do Rio de Janeiro. **Jornal do Commercio**, 21/02 a 12/03/1906. Observamos que matérias que eram apenas transcrição de discursos ou mesmo considerações acerca das discussões empreendidas pelo Conselho Diretor do Clube de Engenharia não foram publicadas nos *A Pedidos*.

⁵⁰ Biblioteca da Associação Comercial do Rio de Janeiro. **Jornal do Commercio**, 04 e 05/03/1906.

⁵¹ Os dois autores não pesquisaram de maneira sistemática o tema, e ainda, as cartas trocadas entre Pearson e Mackenzie constituíram-se na base para as afirmações de Lamarão.

defenderam a Guinle&Cia, enquanto O Paiz e O Correio da Manhã defenderam a *Rio Light* (LAMARÃO,1977, p. 214). Com relação à esse momento da luta entre as duas empresas – discussão sobre o preço de venda do quilowatt-hora - concordamos com os dois autores citados no que se refere ao envolvimento desses diários na contenda, e concordamos também que o editorial de diário O Paiz defendeu os interesses da *The Rio Light*. No entanto, com relação à posição assumida pelo diário Correio da Manhã, Gazeta de Notícias e Jornal do Commercio⁵², não podemos afirmar o mesmo, pois tal como vimos na análise acima, os editoriais da Gazeta de Notícias e do Jornal do Commercio não se posicionaram claramente, e o do Correio da Manhã assumiu uma posição de crítica aberta às duas empresas.

Conclusão

Os diários foram difusores de informações, transfiguradas em realidade e em verdade, o que significava, de fato, possuir poder.⁵³ E todos os periódicos por nós analisados participaram diretamente da disputa entre a Guinle&Cia e a *Rio Light* pelo mercado de eletricidade do Distrito Federal, e suas implicações políticas foram significativas.

A Gazeta de Notícias, a nosso ver, apenas noticiou a discussão que ocorria no Clube de Engenharia. O Jornal do Commercio embora não tenha assumido uma posição clara na contenda, abriu espaço em uma de suas seções mais polêmicas para que a disputa se desse. E se estava sendo discutido ali é porque o assunto era de grande interesse público. O Paiz, em sua defesa da

⁵² Apesar de A Notícia ser citada em vários dos editoriais de O Paiz, não pudemos analisar as matérias veiculadas pelo periódico por estarem seus exemplares indisponíveis na Biblioteca Nacional.

⁵³ As críticas do editorial de O Paiz à Notícia evidenciam bem essa questão. Salientamos, no entanto, que ao mesmo tempo em que possuíam esse poder e que eram respeitados e temidos, dependiam da verba oficial, o que significava se transformarem em porta-vozes do poder público e/ou então, dependiam de acordos políticos entre grupos sociais e as publicações para a divulgação de feitos particulares, ou para iniciar e sustentar campanhas ferrenhas contra quem quer que fosse. Marialva Barbosa chega a afirmar que o Jornal do Commercio pode ser citado, para o início do século XX, como um exemplo de relação explícita entre os periódicos e o poder público cf. (BARBOSA, 1996). Já em relação à relação acordos políticos entre grupos sociais e as publicações foi ilustrado pela posição assumida pelo diário O Paiz em favor da Rio Light. Alípio Borba, em 01 de abril de 1905, escreveu para Mackenzie dizendo que achava que deveriam ganhar jornais cariocas e aí mandariam transcrever no Jornal do Commercio. Diz ainda que era preciso que os jornais tivessem a *Light* como freguesa para que ficassem a seu lado e afirma: “(...) inquestionavelmente é preciso dar algum osso aos cães (...), pois conheço bem essa gente. Arquivo Light – Carta de Alípio Borba para Mackenzie em 01/04/1905.

The Rio Light e também de ataque A Notícia e Gabriel Osório de Almeida, deixou claro que os periódicos conquistavam adesões, divulgavam idéias e fatos. O Correio da Manhã, estabelecendo a relação direta entre a discussão promovida pelo Conselho Diretor do Clube de Engenharia e o interesse da Guinle&Cia/*The Rio Light* pelo mercado de eletricidade do Distrito Federal, colocava em dúvida a idéia de que o Clube de Engenharia era um espaço neutro/científico-técnico de discussões.

Bibliografia

- ABREU, **Maurício**. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLAN-Rio-Zahar, 1988.
- ARMSTRONG, Christopher and NELLES, Henry Vivian. **Southern exposure. Canadians promoters in Latin America and the Caribbean (1896-1930)**. Toronto: University of Toronto Press, 1988.
- AZEVEDO, André Nunes. **A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana**. *Revista do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n.10, .mai./ago.2006.
- BARBOSA, Marialva. **Imprensa, poder e público. Os diários do Rio de Janeiro(1880-1920)**. Niterói – PPGH/UFF, 1996. (Tese de doutorado).
- BARROS, Geraldo Mendes. **Guilherme Guinle (1882-1960)**. Rio de Janeiro: Agir, 1982.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.
- CURY, Vânia Maria. **Engenheiros e Empresários: o Clube de Engenharia na gestão de Paulo de Frontin (1903-1933)**. Niterói/PPG-UFF, 2000. (Tese de Doutorado)
- DUNLOP, Charles. **Os meios de transporte do Rio Antigo**. Rio de Janeiro: Ministério dos Transportes, 1972.
- GAULD, c. a **Percival Farquhar. O último titã. Um empreendedor americano na América Latina**. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUINLE, Cézar. **Eduardo Guinle – um pioneiro**.s/ed. s/d.

HANSEN, Cláudia R.S. O. **O poder da CBEE em Petrópolis**. Niterói/ PPGH-UFF 2006.(Dissertação de Mestrado).

_____. “Os Guinle no grupo dirigente do Clube de Engenharia”.**VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores em História Econômica**. Campinas: ABPHE, 2009.

_____. . . O. “Guinle&Cia e CBEE: os Guinle no setor de eletricidade brasileiro do início do século XX”. **XIV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Anpuh, 2010.

HANSEN, Cláudia &SAES, Alexandre. “Poder Municipal e as concessões de serviços públicos no Brasil do início do século XX”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores de História Econômica**. ABPHE. Vol.X, n.1, 2009.

HONORATO, Cezar. “No Rio, conflito entre capitalistas”. **Revista Memória** – ano III, n.7, abril/mai/junho de 1990. São Paulo: Eletropaulo. s/p.

_____.Cezar (coord). **O Clube de Engenharia nos momentos decisivos da vida do Brasil**. Rio de Janeiro: Clube de Engenharia,1996.

LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. **Dos trapiches ao porto**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1991.

_____. **A energia elétrica e o parque industrial carioca (1880-1920)**. Niterói-PPGH/UFF. 1997. (Tese de Doutorado).

_____. Capital privado, poder público e espaço urbano: a disputa pela implementação dos serviços de energia elétrica na cidade do Rio de Janeiro (9105-1915). **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro,n.29,2002.

LEOPOLDI, Maria A. “Crescimento Industrial, políticas governamentais e organização da burguesia: o Rio de Janeiro de 1844 a 1914”. **Revista do Rio de Janeiro**. Niterói, v.1,n.3. mai/ago.1986.

LEVY, Maria Bárbara. **A indústria do Rio de Janeiro através das suas sociedades anônimas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

_____. **História da bolsa de valores do Rio de Janeiro**.Rio de Janeiro: IBMEC, 1977.

LOBO, Eulália Maria L. **História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao industrial e financeiro)**. Rio de Janeiro:IBMEC, 1978.

LOBO, Hélio. **Docas de Santos: suas origens, lutas e realizações**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio,1936.

MAcDOWALL, Duncan. **Light: a história da empresa que modernizou o Brasil**. Trad. Helena Maria Andrade do Nascimento. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. **Ampliando o Estado Imperial: os engenheiros e a organização da cultura no Brasil oitocentista, 1874-1888**. Niterói/PPGH-UFF,2008.(Tese de Doutorado)

MEMÓRIA DA ELETRICIDADE. **Energia elétrica em questão: debates no Clube de Engenharia**. Rio de Janeiro: CME, 2001.

_____. **Debates parlamentares sobre energia elétrica na Primeira República: o SAES, Alexandre M. Light versus CBEE na formação do capitalismo brasileiro (1898-1927)**. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

SILVA, Maria. L Pereira da. **O Estado e o capital privado na disputa pelo controle e administração dos transportes coletivos. A resposta dos usuários e a face da cidade**. Rio de Janeiro: Pref. do Rio de Janeiro, 1992.

TURAZZI, Maria Inez. **A euforia do progresso e a imposição da ordem: a engenharia, a indústria e a organização do trabalho na virada do século XIX e XX**. Rio de Janeiro: COPPE, São Paulo: Marco Zero,1989.

WEID, Elisabeth von der. “O advento da Companhia (1904-1912)”. LEVY, Maria B. &LOBO, Eulália Maria L. (coord). **Estudos sobre a Rio Light**. Rio de Janeiro: Inst. Light/CME, 2008.